



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12430 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nordeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT02 - História da Educação

“MUSEU A CÉU ABERTO”: Festas escolares em Sergipe

Patrícia Batista dos Santos - UNIT - Universidade Tiradentes

Cristiano de Jesus Ferronato - UNIT - Universidade Tiradentes

Maristela do Nascimento Andrade - UNIT - Universidade Tiradentes

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

“MUSEU A CÉU ABERTO”: Festas escolares em Sergipe

1 INTRODUÇÃO

As comemorações escolares como espaço de representação de saberes e práticas educativas é o objeto desta pesquisa. Essas comemorações são reconhecidas, nos estudos historiográficos, a partir do movimento dos *Annales* surgido no século XX, movimento esse que trouxe outras percepções à interpretação da história como ciência, ao possibilitar a expansão do uso das fontes documentais, a interdisciplinaridade e a subjetividade na pesquisa científica. Esse alargamento, aplicado ao uso das fontes, deu abertura ao estudo de temáticas do cotidiano como os sentimentos, a infância, as práticas escolares, dentre outros. Em nossa análise a educação, está além do ato de educar e ser educado, ela constitui um espaço formal institucionalizado de ações, que envolve agentes, e reúne instituições, ação e produto. Assim, é necessário entender as diferentes especificidades destas, para melhor estabelecer as reflexões a respeito das comemorações escolares enquanto signo educativo.

A estrutura dos objetivos desta pesquisa de forma geral visa investigar no campo dos estudos históricos educacionais o fenômeno, Festas, realizadas no contexto escolar no estado de Sergipe durante o século XX. Quanto aos objetivos específicos procura identificar quais as

festas escolares aconteciam nas instituições de ensino de Sergipe do século XX; analisar os elementos que compõe e se repetem nas comemorações das diferentes instituições escolares de Sergipe; estudar as Festas escolares enquanto práticas pedagógicas nas escolas públicas e privadas.

Trata-se de uma pesquisa documental de caráter qualitativo. O procedimento de pesquisa é dividido por etapas: levantamento e análise das fontes. Como base para as discussões, elegemos os conceitos de cultura escolar de Antonio Escolano e Dominique Julia, de Roger Chartier o conceito de representação, de Eric Hobsbawm o de tradição. Para a escrita recorreremos às fontes jornais do período estudado.

2 COMEMORAÇÕES ESCOLARES: SABERES E PRÁTICAS

As solenidades possibilitaram que os calendários escolares fossem sendo erguidos em diferentes circunstâncias e estabelecidos como marco à memória e identidade coletivas, inclusive com a construção de ritos cerimoniais protocolares à organização de festas, cada uma seguindo sua própria liturgia sempre a depender da temática, considerando o planejamento e estudo para a escolha e utilização de espaços apropriados a acolher a comunidade. Assim, nas palavras de Souza (2009).

A escola primária republicana instaurou ritos, espetáculos e celebrações. Em nenhuma outra época, a escola primária, no Brasil, mostrara-se tão francamente com expressão de um regime político, De fato, ela passou a celebrar a liturgia política da República; além de divulgar a ação republicana, corporificou os símbolos, os valores e a pedagogia moral e cívica que era própria. (SOUZA, 2009, p. 241)

A partir da leitura das fontes, percebemos a presença das festas no ambiente escolar de forma transversal, perpassando por todo o ano letivo em diferentes contextos e ocasiões. Mas, sua presença é fato, o uso e o desuso de temas ou ocasiões para festejar foi sendo dinâmico horas entrelaçado aos programas de ensino e as orientações a decretos legislativos outras, para um lazer orientado.

A organização pública de ensino, no decorrer do século XX, passou por diferentes reformas de ensino, as quais estabeleciam direcionamentos, construção de prédios para estabelecimentos de ensino, metodologias, orientações curriculares, formação de docentes, modalidades de ensino, entre outros. E lá estava a “festa”.

Ao reiterar e expandir as criações originais, os usos e os hábitos, as experiências educativas sedimentadas se carregam de historicidade, ou o que dá no mesmo, se transformam em cultura, configurando-se,

assim, na linguagem e na *techné* da formação humana, em um período decisivo da história da civilização. (ESCOLANO, 2017, p. 23)

Durante a pesquisa, foi possível perceber três movimentos em orientação a pedagogia das festas escolares; sendo o primeiro a transição para a República, com a construção dos grupos escolares, aqui as escolas como “templos legitimados ao ensino do saber”, o segundo após a revolução dos anos de 1930 o país entre o “Hino e o Sermão”, voltado a edificação das celebrações aos símbolos do Nacionalismo e um terceiro durante a Ditadura Militar no Brasil (1964-1985) “ordem e progresso”.

Desde o decreto de número 155 de 14 de janeiro de 1890 a República brasileira já estabelecia os dias dedicados às Festas Nacionais, desta feita, os ritos comemorativos para escolares estabeleceram, muitas de suas comemorações em sagração a essa data. Isto vai estreitando a relação entre a instituição escolar e as demais instituições sociais, como também, fortalecendo a experiência da festa como uma prática pedagógica, capaz de comunicar a estudantes e sociedade diferentes aspectos dos eixos formativos.

Importante sinalizar que, além das datas consideradas festivas as comunidades escolares também tinham as datas regionais, ao mesmo tempo, o calendário das comemorações cristãs, seguidos por escolas confessionais a exemplo; o dia dos padroeiros e dos benfeitores. Em território sergipano, além do calendário nacional observamos que, durante o século XX, as seguintes datas comemorativas: 17 de março Mudança da Capital, 18 de maio Promulgação da Constituição do Estado de Sergipe, 24 de junho comemorações juninas, 08 de julho Emancipação política de Sergipe e o 24 de outubro Emancipação Política de Sergipe.

As ações promovidas no espaço escolar priorizam a imagem da Instituição, conclamando à sociedade e entes públicos que a representam para legitimar e testemunhar os fatos, assim a grande estrela era a “Instituição escolar”. Essa apareceria como detentora de respaldo, para firmar com as autoridades e a sociedade o compromisso da boa formação para os escolares.

A este respeito, Magalhães afirma:

As funções básicas de uma instituição educativa centram-se na dimensão sociocultural e concretizam-se pela transmissão e pela produção de uma cultura científica e tecnológica, bem como pela socialização e pela formação de hábitos e mudanças de atitudes e pela interiorização de valores. (MAGALHÃES, 2004, p. 145)

A festa escolar não armazena um único significado, mas vários, é um ritual coletivo, vivenciado por grupos diferentes que guardam na memória suas motivações e relações pessoais aos modos que submergiram a comemoração. A emoção que o evento lhe propiciou.

No entanto, é importante lembrar que nas escolas republicanas desde a construção dos prédios escolares, dá-se uma formação estética forte em torno do “lugar de ensinar”. As festas, vão se constituindo em diferentes rituais simbólicos que tinham entre suas finalidades a

sinergia dos sujeitos envolvidos. Assim, as comemorações escolares, tornaram-se cada vez mais notórias e para o público.

Ao abrir as portas da escola para familiares, representantes de instituições tais como: políticos e religiosos, ao levar os espetáculos aos espaços públicos, deixavam de ter um caráter apenas de atividade para escolares passando a constituir um acontecimento, um evento social.

Nas atividades públicas, o lugar da escola era afirmado em cada evento. Nas inaugurações dos prédios escolares, nas notícias das cerimônias de ingresso escolar, nos bailes de formatura, nas exposições das produções dos estudantes. Como também, nos desfiles cívicos públicos, assim, era cidade comemorando com a escola. Vale lembrar que além, dos aspectos patrióticos das festas, o teor estético encantava a muitos. Observemos na notícia da parada do sete de setembro de 1917, descrita pelo jornal Correio de Aracaju:

7 de setembro

Revestiu-se do maior brilhantismo a comemoração da gloriosa data de nossa independência nesta cidade.

Às 6' da manhã, ao ser hasteada no quartel do destacamento federal a bandeira brasileira, os sócios do Tiro Sergipense 136 formaram em frente ao edifício prestando as devidas continências.

A PARADA

A bellíssima parada na praça Fausto Cardoso teve lugar às 9' horas.

O batalhão policial, do Tiro 136, o collegio Tobias, Atheneu Sergipense e o Grêmio Escolar, sob o comando do bravo primeiro Tenente Augusto Pereira formaram, segundo o programma na praça coronel José de Faro e em frente à biblioteca pública. As alumnas da Escola Normal, dos três Grupos Escolares e os da Escola Nocturna acompanhados dos receptivos professores e directores collocaram-se aos dois lados da praça Fausto Cardoso, todas bem uniformizadas.

A' passagem das forças armadas e dos alumnos das escolas públicas e a grande massa que enchia a praça prorrompeu em longas e estrepitosas palmas e altissonantes vivas a gloriosa data e ao general Valladão.

O garbo e o entusiasmo com que marchavam eram admiráveis denotando dest' arte que receberam a mais correcta e perfeita instrucción. A parada foi constituída por 1.500 pessoas aproximadamente. (CORREIO DE ARACAJU, 9/09/1917, anno X n. 2133, p.1)

Assim, compreendemos essas comemorações enquanto rituais, que, na maioria das vezes, estabelecem as atividades sociais, comportamentos organizados que surgem a partir da necessidade de formação e preservação da memória. Dentro da escola, esses rituais são estabelecidos de maneira particular e colaboram para alicerçar a construção de uma Identidade Nacional e manter vivas as tradições, os ritos e personagens que circundam e legitimam os saberes apresentados nos espetáculos comemorativos escolares.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que nossa pesquisa encontra-se em andamento, apontamos alguns elementos para a compreensão do tema, a saber: as comemorações escolares como ritos consolidados nas práticas educativas para estudantes no Sergipe do século XX. Analisando as chamadas nos jornais, percebemos o importante papel da imprensa local ao intermediar as instituições de ensino e suas cerimônias festivas a população sergipana com a publicidade das mesmas. Ainda através dos impressos jornalísticos foi perceptível alguns elementos comemorativos, tais como: Entrega de diplomas e desfiles cívicos.

Outra fonte documental relevante para a visualização e análise dos ritos comemorativos para escolares em Sergipe, são as fotografias, nesta pesquisa os acervos documentais fotográficos disponíveis no Arquivo público de Sergipe (APES), como também as fotografias de arquivos particulares, auxiliam para compreender os eixos comemorativos, a associação dos conteúdos estudados nas festas, como também os adornos materiais utilizados nas festas, a exemplo dos fardamentos. E por fim, a presença da população para o espetáculo das festas cívicas em Sergipe.

REFERÊNCIAS

- BENCOSTA, Marcos L. Albino. “Desfiles Patrióticos: memória e cultura cívica dos grupos escolares de Curitiba (1903-1971). In: VIDAL, Diana G. (org). **Grupos Escolares: Cultura escolar primária e Curitiba (1893-1971)**. Campinas: Mercado das Letras, 2006.
- BOTO, Carlota. A liturgia da escola moderna: saberes, valores, atitudes e exemplos. **Revista História da Educação**. 2014, vol.18, n.44, pp.99-127.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução: Sérgio Gois de Paulo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed: 2005.
- CÂNDIDO, Renata Marcílio. **A Máquina de festejar: seus usos e configurações nas escolas primárias brasileiras e portuguesas (1890-1930)**. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de educação USP. São Paulo, 2012.
- CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da república no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- CORREIO DE ARACAJU**, 9/09/1917, anno X n. 2133, p.1.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa/ Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand, 1990.
- CHARTIER, Roger. **A História ou a leitura do tempo**. Tradução de Cristina Antunes 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

- ESCOLANO, Augustin. **A escola como cultura**: experiência, memória e arqueologia. Campinas: editora Alínea, 2017.
- HOBSBAWM, Eric J. “Introdução: a invenção das tradições”. In: HOBSBAWM, Eric J.; RANGER, Terence (orgs). **A Invenção das Tradições**. Tradução: Celina Cardim Cavalcante. 2° ED. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1997.
- JULIA, D. **A cultura escolar como objeto histórico**. Revista Brasileira de História da Educação, Campinas, n. 1, p. 9-44, 2001.
- LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: _____. **História e Memória**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992, p. 535-553.
- MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo Nexos**: história das instituições educativas. Bragança Paulista/SP. Editora Universitária São Francisco, 2004.
- SOUZA, Rosa Fátima de. **Alicerces da Pátria**: História da Escola Primária no Estado de São Paulo (1890-1976). Campinas: Mercado das Letras, 2009.